

Luis Manoel Siqueira

JAMAIS HOUVE TREVAS



Jamais Houve Trevas©, novela de Luis Manoel Paes Siqueira (Edição Digital revista e alterada da 1ª edição impressa em Recife, 1981, pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco.)

Para:

LUIS SIQUEIRA (meu pai)
MANOEL PAES TORRES (meu avô)
LUIS GONZAGA (O Rei do Baião)

JAMAIS HOUVE TREVAS

Luis Manoel Siqueira

(2ª Edição digital revista e alterada do original publicado impresso em 1981 no Recife, pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco)

Recife 2020

Nota do autor sobre a segunda edição (digital)

Eu tinha 21 anos quando publiquei essa novela. Fazia quatro anos que havia escrito uma carta ao pastor de minha igreja presbiteriana pedindo desligamento da mesma, dando como uma das razões a de eu achá-la “Pequena demais para Deus caber dentro dela e da burocratização das coisas divinas”. Passei mais de 30 anos sem voltar a frequentar uma igreja e comecei uma viagem intensa, bela e perigosa, por caminhos que eu nunca imaginei percorrer. Eis o que acontece com jovens que lêem demais, não vivem o seu tempo, e não usufruem da juventude tão efêmera.

Eu havia me inserido como um intruso no Movimento Cultural das Edições Pirata no Recife e começava a frequentar a companhia dos poetas Celina de Holanda, Jaci Bezerra e, depois, Alberto da Cunha Melo. Torne-me amigo deles e de vários de seus amigos daquela intensa vida intelectual que vivia o Recife. De início, eu pensava que era aceito como um tipo de mascote. Até quando me publicaram em capa de jornais, antologias e revistas. Em cartazes que circulavam em ônibus da cidade distribuídos pela União Brasileira de Escritores e Fundação de Cultura. Em calendários. Toda aquela fraternidade de intelectuais de esquerda me parecia familiar com a formação cristã que eu recebera no Colégio Agnes e nas igrejas calvinistas. Mas eu era só um garoto ingênuo - um anacrônico estudante de geologia por admirar o pai e seus colegas de profissão.

A melancolia genética associada à tantas influências me deixaram vagando, à deriva, num mar de niilismo que durou décadas, embora eu sempre confessasse o lastro de fé cristã que, hoje, bem sei, salvou-me da morte inúmeras vezes.

Eu somente fui levar JAMAIS HOUVE TREVAS à sério, quando li uma carta de Alberto da Cunha Melo endereçada à Celina de Holanda. Ele ainda não me conhecia pessoalmente e, após a leitura, pensava que eu era um homem velho. Então eu fui perceber o redemoíño ambulante em que eu havia me tornado. Também o compositor Luiz Gonzaga, meu amigo, levou-me a dar entrevista nos jornais, na televisão e rádio.

Eu relutei muito a republicar essa novela em formato digital. Ela não contribui em nada para o que eu, hoje, penso ser necessário construir na vida, seja em qualquer idade. É de uma tristeza doentia. Eu não a recomendo a quem não gosta desse tipo de leitura.

Todavia, 39 anos depois de publicada, ao ainda hoje ver crianças abandonadas dormindo nas ruas do Recife, percebo que a nossa realidade social é uma tragédia extemporânea que extrapola vaidades e excrúpulos literários: uma Guerra de Canudos que nunca terminou em nossas cidades. Então JAMAIS HOUVE TREVAS fica ao menos como uma

denúncia. Um libelo. O mesmo motivo da primeira edição, cuja renda dos exemplares vendidos foram doados ao Hospital Infantil de Pernambuco - Irmã Maria Lucinda.

Hoje, ao ingressar nos meus 60 anos de vida, afirmo com certeza que o meu personagem favorito é a Madre Joana. Ela é o exemplo de vida cristã que sempre sonhei ter e nunca consegui. Ela é a personificação da Igreja que ainda hoje procuro entre católicos, protestantes e ortodoxos - a que sei que existe mas não é visível, não cabe em caixinhas, ou na normatização das coisas divinas.

O antigo pastor de minha igreja me procurou muitos anos depois e me confidenciou que a minha cartinha tinha sido uma das coisas mais importantes do seu ministério. E que ele ainda a guardava com carinho. Mas naquele tempo o “filho pródigo” ainda estava iniciando a caminhada. Hoje ele já retornou, mas sem festa, sem o novilho abatido e sandálias novas. Como a Madre Joana, procura apenas guardar silêncio, assim, escondido entre os convidados, como convém.

Recife, 08 de abril de 2020

Luis Manoel Siqueira

“Em mim ressoa uma ordem: Cava! Que vês?

- Homens e pássaros, pedras e flores.
- Cava mais! Que vês?
- Idéias e sonhos, clarões, fantasmas...
- Cava ainda mais! Que vês?
- Nada. Uma noite densa, muda, surda como a morte. Deve ser a morte.
- Cava mais um pouco!
- Ah! Não consigo penetrar mais a muralha negra! Ouça gritos e prantos, ouço frêmitos de asas que vêm da outra margem!
- Não chores, não chores; não vêm da outra margem! Os gritos, os prantos e as asas – vêm de teu coração!”

(Nikos Kazantzakis, ASCESE)

18 de Setembro

Prezado Ivan.

Espero que me perdoes por ter demorado tanto a escrever. Acho que um amigo como tu não merece tal falta de consideração. Mas tenho certeza que a nossa amizade é dessas que nem mil anos de silêncio conseguiam abalar. Percebi que os verdadeiros e grandes amigos estão geralmente longe um do outro, embora suas mentes vaguem sempre num mesmo mar de recordações.

E quantos anos faz que não nos vemos? Desde última vez que fechamos aquela taverna e saímos, prolongando despedidas na escuridão das ruas, engasgados com vinho, frio e saudade própria dos que ainda vão partir. E ainda usávamos suspensórios...

Na certa o inverno dos anos já trouxe as primeiras folhas secas e esbranquiçadas a tua cabeça, assim como de quando em vez me descobre as minhas, o espelho.

Agora, olho pela janela do meu quarto e observo os carros que passam na rua, lá em baixo, enquanto um vento frio sopra os galhos de árvores secas. É feriado e não há ninguém andando nas calçadas.

Volto ao mundo do meu quarto e te encontro na responsabilidade de continuar mexendo a caneta no papel e terminar esta carta.

Toda carta, Ivan, tem uma força motriz. Por mais diversificada que seja, por mais contornos e máscaras que usei, toda carta tem um objetivo principal muitas vezes oculto. Nesta, eu te asseguro que serei bem objetivo, o que confesso, nunca o soube ser em muita coisa que fiz na vida.

Antes de tudo, ainda existe o grêmio literário? Poderias escrever-me dizendo se os seus membros ainda são os daquela época (claro que não!) e se ainda tomam cerveja no restaurante do francês.

Bem, tu sabes, não tenho costume de escrever muito. E como o assunto que trago aqui requer um pouco de paciência ao ser explicado, irei tratando de trazê-lo à tona, à medida em que a emoção e o silêncio vazio com que vivo rodeado sejam mantidos a uma distância suficiente, para que me permita um certo equilíbrio e coerência nos pensamentos.

Henrique Martins Rojas.

20 de Setembro

Ivan.

Caminhava eu há dois anos pela mesma avenida que costumeiramente usava passar quando voltava do hospital onde trabalho aqui nesta cidade. A neve começava a cair suavemente e o frio embora constante, era bastante suportável. As praças estavam praticamente abandonadas e as árvores brancas pareciam continuações da terra, assim, como garras apontadas para o céu azul.

As pessoas que passavam àquela hora da tarde eram como eu, trabalhadores que voltavam para seus lares e apartamentos quentes.

Ao passar de uma grande padaria de portas de vidro, debaixo de uma marquise, avistei dois meninotes que poderiam ser medidos a palmo. Eram saltimbancos. O maiorzinho tocava uma rebeca e o menor, uma pequenina harmônica. Ali em volta deles, a neve se derretia. As luzes coloridas das vitrinas eram sua iluminação, e a calçada, o palco.

Tocavam divinamente. É certo que podes afirmar que era impossível que fossem mestres na arte da música com tão pouca idade. Não, não eram. Mas seu encanto estava justamente na combinação de suas almas infantis com o som débil de seus instrumentos.

Executavam da maneira mais simples, músicas famosas e dignas das tardes de inverno. Era gostoso ara e vê-los tocando “Sonho de amor”, “Berceuse” ou uma “Ave Maria” bem chorada. O frio passava e o cansaço dos dias transformavam-se por pouco tempo num sentimento morno e confortante.

Só que de quando em quando o mais velho puxava uma polca louca ou uma dessas músicas de cabarés, no que era imediatamente seguido pelo batido dos pés do menorzinho.

Então os que haviam parado, perdiam o encanto, deitavam-lhes algumas moedas num pequeno prato e iam embora.

Ainda hoje não sei até que horas os dois pequenos músicos continuavam tocando. Sei que por mais vazio que habite nos homens sempre existirá um pouco de bondade lá no fundo, nos bons corações. A prova estava no pratinho cheio de moedas que era recolhido todos os fins de dia.

E pude comprovar a coisa mais espantosa deste mundo. É que são os que vivem na humildade que mais se lembram dos humildes. Ai dos pobres se não fossem os pobres!

Das poucas vezes que vasculhei os bolsos em busca de moedas, procurei tirar algumas informações daqueles dois pedaços de vida que todas as tardes esquentavam os corações dos passeantes, quer lhe pagassem ou não.

O maior disse num sotaque italiano forçado que eram filhos de um velho mestre que morrera depois de transmitir-lhe o ofício, agora, único meio de vida. Sua mãe era uma mulher doente e precisava levar seu sustento diário.

Chamava-se Rubens, o maior e mais esperto. E o menor, um querubim do tamanho do nada e de olhos azulados, Lino. Mas Lino não era nome, era? Era apelido.

- Mas o dele é. Disse-me Rubens.

Olhei bem seus rostos e distingi claramente os sinais de má alimentação, pouco sono e trato. Escoravam-se em duas mochilas de plástico onde carregavam o pão, remédios para mãe e sabe Deus mais o quê.

Prometi da próxima vez trazer comigo algum fortificante, ou quem sabe se o hospital me desse algumas horas de folga eu poderia ir observar sua mãe, se é que eles a tinham.

Mas não fui. Nunca trouxe remédio ou vitamina alguma, das tantas que engavetava aos montes. Por quê? Ainda hoje me pergunto. Acho que nós, os homens, nos acostumamos a ver miséria e a colocarmos como um problema sem solução, no canto de nossas consciências, e a condenamos com um cínico lavar de mãos como sendo mais um fruto da vontade fatídica dos céus, e ponto.

Gastamos dinheiro com coisas sem sentido e negamos estender uma mão, até um sorriso, para aqueles que precisam para continuar vivendo.

Ivan, somos horríveis.

Henrique M. Rojas.

28 de Setembro.

Amigo Ivan.

O trabalho no hospital era realmente cansativo. Naquela época eu era o médico chefe de todo departamento de apoio a uma enfermaria popular, com um grande pavilhão de internamentos capacitado para duzentos leitos. Mas tu sabes, as condições aqui sempre foram tão precárias; as providências governamentais são insignificantes pois eles precisam de mais dinheiro para sufocar as guerrilhas no interior do país, e para pagar tanta e tantas dívidas.

No hospital faltava de tudo. De cobertores a agulhas cirúrgicas. As enfermeiras eram mal pagas e constantemente estavam sendo substituídas por irmãs freiras de grande utilidade, porém não em trabalhos especializados.

Eu, assim como a diretoria, éramos bem pagos. Justiça seja feita. Era política do ministério prender os médicos experientes no comando dos hospitais, de forma que só os auxiliares menos diretos sofressem as contenções de verbas.

Nos dias de meu plantão sempre havia uma cirurgia séria para fazer, além das emergências que podiam acontecer a qualquer momento, e que nos esgotava até a alma. Era preciso muito amor à profissão para não fugir de tanta responsabilidade.

Mas o pior Ivan, era quando percebíamos dentro da sala de cirurgia ou até mesmo antes de entrar nela que o paciente morreria por falta de materiais adequados, de recursos que o hospital não possuía e que o governo não respondia quando pleiteado.

Então eu costumava sair andando pelo corredor e procurar refúgio no rosto do Cristo pregado no crucifixo no alto da parede. Nestas horas, Madre Joana aparecia e flagrava a cena. Eu, ateu, parado ali olhando o seu tão amado noivo. Ela sorria e repousava a mão enrugada no meu ombro.

- Ele fica tão calado, irmã. Eu lhe dizia apontando a imagem.

Mais tarde ela vinha ao meu gabinete e me servia um café quente, e contava dos pacientes que melhoravam e dos tantos que só chegavam para comer e depois partiam.

Ivan, eu curaria mais da metade dos doentes que aqui me chegam com uma alimentação decente em suas casas e um emprego seguro.

Todos os dias temos que liberar pacientes que não querem sair, pois o pouco de comida que se dá e o calor humano das irmãs e dos atarefados corações dos médicos são as únicas imagens que eles têm, eu acho, do que significa ser feliz.

Quando chegam os poucos dias de minha folga mensal, não me restam muitas forças senão parar comer num restaurante sossegado, ver um filme velho no único cinema e depois passear na praça deserta.

E assim se vão os anos. Para longe ficamos meus sonhos dourados, minhas realizações e castelos cheios de tanta esperança. Do meu casamento fracassado tenho uma filha - sabias? - que vive com a mãe na Europa.

Minha vida hoje, grande amigo, é temperada ao som de vidas como as de Rubens e do pequenino Lino. Num misto de riso e choro, luzes e trevas, valsas e marchas sacras divinamente entrecortadas de polcas, farândolas e canções das noites.

Eis a vida como ela é, Ivan. Belissimamente triste. E se me perguntas qual a razão de tudo, eu respondo: Não importa. É bom viver. A vida é o poema mas bonito e mais estranho escrito pelos céus, na terra.

Seja a vida como for para qualquer um, para maior sofredor do mundo, ela tem sempre um curto sonho de amor, assim num olhar, numa esquina. No bater ritmado dos sapatinhos rotos do pequeno Lino e sua harmônica cor-de-rosa.

Henrique Rojas.

9 de Outubro.

Ivan.

Certo dia recebi um telegrama. Abri com mãos trêmulas de medo do conteúdo. Sempre detestei telegramas, jamais os usarei. São muito rápidos, frios e energéticos. O mensageiro das más notícias.

Mas qual o seu espanto... eram notícias de um velho amigo meu que de um país muito distante mandava-me um convite. Após uma revolução popular que tinha havido por lá ele fora chamado para ser ministro da saúde, e queria que eu ocupasse um cargo de confiança em seu gabinete. Quanta honra!

Não nego, caro Prokopovich, esse telegrama veio me fazer um bem incalculável. Todo homem é orgulhoso e necessita desse orgulho, como as mulheres da vaidade. Coisas desse tipo valem mais do que o diploma que se consegue depois de tantos anos de academia.

Naquela tarde saí do meu apartamento com peito cheio e com a minha melhor roupa. Estava bêbado de alegria. Caminhei devagar enquanto reconstruía os meus velhos sonhos de outrora, por tanto tempo esquecidos em fotografias envelhecidas no fundo da memória.

Eu, o doutor Henrique Martins, seria secretário geral de um ministério, com todas as honras, inclusive a de ser amigo íntimo do ministro. Que achas?

Carros pretos com bandeirinhas fincadas em suas extremidades passavam diante dos meus olhos. Jantares, reuniões e condições para realizar quase todos os meus velhos e queridos sonhos! Era um presente dos céus.

Fiquei pensando nos tantos colegas de profissão que sonhavam com uma oportunidade destas, quantos?

E senti uma alegria imensa ao poder passar por cima daqueles que tanto mal me fizeram no passado, e mostrar-lhes que nunca poderiam chegar até onde eu tinha chegado. Ou melhor, ainda humilharia a todos convidando para trabalharem comigo.

Tu mesmo conhecestes um punhado de pessoas por quem fui severamente apunhalado pelas costas e que me deixaram em tristes condições financeiras, obrigando-me a vir trabalhar aqui.

Não, não queria vingança, seria muito pouco. De imediato só pensava em limpar meu nome inocente em minha própria terra e apontar publicamente todos os meus Judas.

Ivan, quanta alegria! Era a justiça materializando-se para mim pela primeira vez, em forma de um telegrama.

Mostrei-o à Madre Joana. Ela sorriu alegre, releu o minúsculo e significativo texto e devolveu-me silenciosa.

- Que acha, ein, Irmã?

Ela não respondeu. Limitou-se a continuar o curativo na perna de um paciente com uma expressão serena no rosto. Fiquei desapontado. Não mostrei mais a ninguém. Aquela notícia era minha e queria desfrutá-la sozinho por mais tempo.

Trabalhei pouco naquele dia e, tendo a noite livre, voltei mais cedo com a minha euforia.

Na rua, dois ou três populares me cumprimentaram costumeiramente. Respondi-lhes assim, como um estadista. Será que já sabiam?

Ao passar perto da padaria, o coração acelerou. Meu corpo pedia para dançar. Havia muita música. Dançaria no meio da rua, queria ser rodeado por violinos e todas as sinfonias do mundo.

Mas ao meu lado, sentados na caçada e assistidos por dois velhos, Lino e Rubens só tinha uma rebeca e uma harmônica desbotada. Mas como serviam...

Tocaram uma valsa desconhecida que mesmo depois de acabar continuou, regando por muito tempo meus sorrisos. Tirei do bolso o dinheiro que carregava comigo e deitei em seu prato, que jamais vira tanta fartura.

Os dois velhos que os assistiam ficaram reprovando meu ato de esbanjamento. Que fossem para as profundezas do inferno!

Enquanto isso os olhos de Lino desmancharam-se em luzes cintilantes que vieram mexer comigo, cá dentro. Rubens sorria e curvava a cabeça repetidamente. Continuei andando enquanto ouvia a demonstração de gratidão pela minha generosa oferta nos acordes de uma canção característica dos bares e das senhoras das noites. Que importava? Era gratidão. Gratidão não me mede.

E só caí em mim, ao me defrontar com o espelho do banheiro, encontrei-me com as marcas do tempo no meu rosto e as pinceladas de fios brancos na cabeça. Foi só aí que fui meditar na muda resposta de madre Joana, sempre igual as do seu noivo, aquele Cristo de madeira inutilmente pregado na parede, apenas olhando a todos e calando.

Henrique.

Manhã de 10 de outubro.

Camarada Prokopovich.

Tenho certeza que no final destas cartas dirás: “o meu amigo gastou papel e tinta para bobagens.”Concordo que eu bem que podia resumir tanta páginas. Mas é que vejo cada palavra aqui como um tijolo importante dentro do todo que pretendo erguer no final o que chamei no início de “finalidade verdadeira das cartas”.

Pois bem, andava eu bastante ocupado, tentando nem sufocar os sonhos, nem a realidade, quando na tardezinha de uma sexta-feira ao voltar para o apartamento, deparei-me na avenida com o quadro mais expressivo ainda não pintado pelo homem. De repente, Ivan, alguma coisa estranha reclamou dentro de mim. Os dois pequeninos músicos ambulantes não estavam mais lá. Havia apenas o lugar vazio onde o frio tomara posse e o branco da neve invadia.

Lembrei-me então de um velho ditado que dizia que um vazio inesperado era duas vezes mais vazio. Fui até a padaria e perguntei lá dentro, se sabiam do que tinha acontecido aos garotos. Teriam mudado? Mas se eram tão bem aceitos ali, por que ir embora?

Ninguém sabia.

Muitos sentiam falta sim, mas a linha da vida é sempre reta, não admite curvas nem paradas. Aquela avenida também. E o frio constante enxotava a todos.

Voltei ao meu mundo, aos meus planos de mudanças. Confesso que logo esqueci Lino e Rubens. Dediquei-me à resposta do telegrama, num longo texto que agradecia o convite e aceitava.

“Um homem, para ser homem mesmo tem de apostar em grandes coisas, mesmo tendo que se por em risco. Só assim surjem as grandes vitórias. E nunca ficar no eterno obscurantismo em que ficam os covardes que nem ganham muito nem perdem muito.”

Repeti várias vezes esse pensamento. Cheguei até a decorá-lo. Decorá-lo.

H.M.R.

Tarde de 10 de Outubro

Ivan.

O frio aumentava cada vez mais e tínhamos falta de cobertores no hospital. Os pacientes mais sensíveis ao frio foram levados para uma sala mais quente, enquanto os demais permaneciam no pavilhão.

Foi numa noite durante o meu plantão que, estando sentado no meu gabinete, resolvi andar um pouco para sorver da calma que flutuava nos corredores. Passei pelo crucifixo na parede e cumprimentei-o. Na verdade, eu gostava daquele hospital, sentiria falta, quando em poucos dias o deixasse para sempre.

Parei. Escutara algo. Uma música débil e suave incomodava o silêncio.

Abri a porta do pavilhão e só encontrei as dezenas de camas com os pacientes dormindo no escuro. Mas a música vinha de lá, suave e penetrante. Comecei a percorrer as filas de leitos de ferro, o que tinha que ser feito com muito cuidado. De súbito, a música parou. Percebi um movimento na penumbra abaixo de um janelão de vidro, por onde a tênue luz dos postes da rua, lá fora, passava já quase morta. Caminhei naquela direção.

Dois pequeninos olhinhos familiares piscaram no escuro.

- Lino, é você? Perguntei.

O pequeno pacote de cobertor balançou a cabeça. Toquei sua testa e cobri seu pescoço com a minha mão. Ele estava uma verdadeira chaleira quente. Febre.

- Quando chegou aqui?

- Hoje de tarde. Respondeu baixinho.

- Onde está o seu irmão? Por que não tocam mais?

Seus olhos brilharam novamente e ele murmurou:

- Eu fiquei doente e Rubens me trouxe aqui. Ele vai tocar em outros lugares e depois vem me buscar.

Tomei-lhe o pequenino pulso e apalpei. Como estava magra aquela criança... Com a outra mão descobri sua pequena harmônica deitada ao seu lado. Ali estava a fonte da música que eu ouvira.

- Onde está sua mãe?

Ele não respondeu. Continuou a fitar-me seriamente.

- Por que estava tocando a essa hora?

- É porque fico com medo.

- Medo de quê? Perguntei, enquanto ele tossia.

À medida que os meus olhos iam se acostumando com o escuro, eu ia percebendo melhor o contorno de seu rostinho magro sobre o travesseiro sujo.

- Do escuro. Respondeu olhando sua harmônica cor-de-rosa.

Cobri-o da melhor maneira possível. Ele tossiu mais vezes. Tomei o estetoscópio e escutei sua respiração.

- Estou muito doente.

- Quem lhe disse isso?

- Mano.

- Rubens?

- Sim. E disse que quando eu ficasse bom, então ele viria me buscar. Eu acho que ele virá amanhã...

- Virá sim. Agora durma e não acorde mais a sua harmônica nem os outros.

Saí dali e logo voltei. Cheguei até a sua cama e dei-lhe um comprimido. Depois acendi uma vela no espelho da sua cama, de onde vislumbrei um sorriso suave, musical, embora cansado.

Logo dormiu.

Eu não. Aquela noite, Ivan, além de ter sido a noite de meu plantão, foi também cheia de imprevistos e confusões. Nervosa. Iluminada pela chama da vela que diminuía, fustigada pelo frio dos homens e pelo silêncio do Cristo na parede.

Henrique

11 de Outubro.

Amigo.

Na manhã seguinte, a Madre Joana chegou correndo no meu gabinete, aflita, com o jornal balançando numa das mãos. Na primeira página estava estampada uma notícia inesperada. O país do meu amigo tinha sofrido uma bruta contra-revolução chefiada pela extrema direita. Era um contra-golpe de Estado. O presidente e todos os seus auxiliares haviam fugido horas antes e pedido asilo político num país vizinho, e agora nada mais eram do que exilados.

Perdi assim o meu sonho dourado.

Madre Joana fitava-me tristemente, e suas mãos tremiam. Acho que ela também sentiu o que aquilo significava para mim.

Não tive mais coragem de reler a notícia para procurar detalhes. O que era, era.

- Há uma criança aqui... está muito mal... chegou ontem. Eu disse-lhe entrecortando as palavras ao meio presas.

Sorrimos.

Henrique

Lino passou quase todo o dia muito inquieto. Estava sempre perguntando pelo irmão e falava em voltar logo a tocar pela cidade.

Mas eu duvidava.

Tinha sido inocente demais quando perguntei por sua mãe. Afinal de contas, neste país, as crianças pobres nascem como ratos, aos montes, nos lixos, e depois são jogadas nas ruas.

Tentei com a Madre no meu gabinete reconstruir a vida dos meus músicos favoritos. Eram filhos de algum mestre esquecido que antes de entregá-los de uma vez ao mundo, ensinou-lhes um pouco do seu ofício. Ora, são meninos espertos e logo aprenderam a tirar músicas de ouvido. Creio que não demoraram muito a aprender mais coisas sozinhos quando viram que realmente ganhavam dinheiro com aquilo. Mas havia o dom, isso sim, associado com a vontade de viver, mas havia.

Como Lino e Rubens havia milhões em todo o mundo as ruas estavam cheias deles.

Continuamos a compreender as coisas. Quando Rubens, mais velho, percebeu que seu irmão passava mal, resolveu deixá-lo na porta do hospital e foi embora. É que o mundo exigia mais e mais músicas. Sua vidinha constituía-se naquilo. Na certa, não tinha dinheiro para ficar esperando pela cura do irmão, deixando para trás as ruas e corações vazios.

Tratava-se de um caso de abandono. Confirmou Madre Joana. E Lino estava com pneumonia avançada e o organismo muito fraco.

- Pobre Rubens. Eu disse. Teria ele descoberto de que sofria o irmão? Voltaria ao menos para vê-lo como prometera? Não acreditava que tivesse sido fácil fazer aquilo que ele fez, pobre menino!

Foi por essa época, Ivan, que comecei a sofrer de uma espécie de fobia à musica. A qualquer uma. Por mais vulgar que fosse. Até mesmo um simples assobio melódico me incomodava. Culpei o fracasso do meu emprego no ministério como sendo a causa daquela pequena neurose.

Não sei se para passar o tempo ou se por medo, Lino tocava sua harmônica constantemente. E uma coisa interessante, Ivan, é que as horríveis queixas, gemidos e reclamações dos pacientes na enfermaria eram emudecidos pelo tocar simples e macio daquele menino.

Jamais esqueci todas as cabeças dos doentes erguidas, voltadas para ele, acostumado com muita atenção, com saudades do irmão, tocando com alguns erros o “Largo” de Haendel.

- Rubens já voltou, doutor?

Ainda não rapaz. Lá fora o frio é muito grande e ele tem de se cuidar, compreende?

E aqui dentro do meu peito, eu afogava num mar de gelo, uma vontade enorme de abraçá-lo e, com a sua febre, esquentar minha alma fria.

Primeiro pedi que parasse de tocar, jurei até tomar dele a harmônica se não obedecesse. Ele tinha que repousar o máximo, qualquer esforço poupado era importante.

Mas o que eu mais temia eram os sorrisos tranquilos que nasciam cada vez que nossos olhares se encontravam.

Ao voltar ao apartamento para trazer-lhe um cobertor meu e umas pequenas coisas, tentei em vão encontrar Rubens. O antigo local onde antes tocavam estava agora tomado por dois enormes depósitos de lixo, que os caminhões de limpeza pública esvaziavam nos fins-de-semana.

Na volta, passei por uma pequena livraria onde comprei um livrinho e ilustrações infantis. Decepção. Meu pequeno paciente estava mais febril, muito calado e nem abriu o livro.

Mais tarde compreendi que se tratava de uma criança adulto, que só compreendia música por música e nada mais. Nada mais. Um menino cuja vida era um irmão e uma harmônica desbotada.

Medo do escuro...

Eis aí meu amigo, algo de extemporâneo e transcendente para todo aquele que sente.

- Rubens virá me buscar, doutor.
- Eu sei rapaz. Durma.
- Doutor...
- Sim?
- Qual é a música que você mais gosta?
- Bem, eu gosto de “Sonho de amor”, “Largo”... de todas. Pare de falar e descanse.
- A minha preferida é “Loucura morena”. Ele disse.
- Não é uma música para meninos de sua idade.
- É, mas foi o meu irmão que me ensinou
- Muito bem, Lino, agora você vai ficar calado de uma vez e descansar, certo?
- Ivan, ai dos que sentem!

H. Rojas

15 de Outubro.

Naquele dia, Lino piorou tanto que ficamos certos do seu inevitável fim. Seu fraco organismo não estava respondendo à ação dos remédios e, por isso, a tosse e a febre eram constantes.

Madre Joana era a minha vara de equilíbrio. Sua calma e tranquilidade diante de certas situações vieram me dar a certeza de que realmente existiam mulheres que nasciam para serem noivas de Cristo. Tinham muitos pontos em comum.

Parou de nevar, embora o frio continuasse. Envolto em vários cobertores, Lino estava cada vez mais quieto. Quando eu ou a irmã chegávamos por perto, e seus olhinhos perguntavam pelo irmão, recebiam apenas sorrisos, carinho na testa, nos cabelos assanhados e bem pretos.

A noite não tardou. E como tinha resolvido ficar um pouco mais tarde no hospital numa espera muda por uma melhora do menino, terminei por adormecer num sofá velho mas quente, e de muita utilidade nestas horas.

Acordei e já era tarde. Os médicos de plantão daquela noite estavam ocupados com um parto difícil de uma pequena índia.

Caminhei pelos corredores pesadamente e fui até o pavilhão. Ao entrar lá dentro e dar os primeiros passos, fui iluminado por um jato de luz. Sorri. Lino, da cama, apontava para mim a lanterninha que eu lhe tinha presenteado.

Fui até sua cama e, como as costas da mão toquei-lhe o pescoço. A febre havia baixado um pouco, para a minha alegria. Entretanto sua respiração ainda era cansada.

- Doutor... eu acho que mano virá amanhã.

Fiquei calado enquanto penteava seus cabelos com meus dedos.

- O senhor e a irmã são muitos bons para mim.

- É apenas o meu trabalho, rapaz.

- Ganha muito dinheiro?

- Procure não falar muito e dormir.

- Você acha que eu vou morrer e virar caveira?

- Não.

- Promete?

- Deixe de bobagens e durma. Você é um grande músico e os grandes músicos não morrem. A morte não existe. É mentira.

- É, Rubens, me disse a mesma coisa.

- Seu irmão é muito inteligente.
- Eu não quero ser músico. Disse ele.
- Não? Tocando tão bem assim?
- É diferente. Eu quero ser médico

Tremi

Ele ficou a olhar a harmônica ao seu lado.

- Eu não sei tocar “Largo” direito.
- Um dia você aprende. Vá dormir agora.

Fiquei na ponta da cama imaginando-me abraçando-o com força e beijando sua testa quente. Era capaz de sentir o peso de sua cabeça no meu ombro.

- Boa noite, doutor.
- Boa noite, meu filho.

E saí apressado. As contra-revoluções sempre me perturbavam muito. Ao passar pelo crucifixo na parede do corredor, parei. Quanto silêncio... quanta indiferença! Por que tanto desprezo e distância dos homens?

Com um mar de revolta dentro de mim, também o condenei á morte de cruz e á coroa de espinhos. É decepcionante correr para um Cristo e encontrá-lo mudo, parado, silente de dor e carregado de sofrimento eterno.

Eram dez horas da manhã quando bateram á porta do meu apartamento. Abri-a ainda sonolento e mudo. Era a Madre Joana envolta num casaco. Ela entrou, sentou-se e tomou comigo um chocolate com leite bem quente.

- Achei que deveria avisá-lo, por isso vim até aqui. Tome cuidado, precisa descansar mais.

- Obrigado. Eu disse.

Ficamos calados por alguns minutos até que ela se levantou e abriu a porta.

- Deus seja louvado. Disse-me
- Louvado?
- Louvado. Respondeu-me.

E por um instante eu pensei que ela havia enlouquecido. Era um domingo.

Numa das manhãs em que fiquei dormindo por ter feito várias operações na noite anterior, Rubens apareceu no hospital.

Madre Joana falou com ele e o convidou para comer alguma coisa, mas ele recusou. Disse que iria viajar para outra cidade no trem das duas horas. Então ela perguntou se ele queria algum dinheiro, e ele disse que sim.

Rubens nunca recusaria. Então a madre foi lá dentro e entregou-lhe a harmônica cor-de-rosa. Ele recebeu cabisbaixo enquanto chorava. Assim, foi embora.

Ao chegar ao hospital depois do almoço e saber que Rubens tinha aparecido, corri o mais depressa que pude até a estação. Mas o trem já era um pontinho preto no fim dos trilhos, na linha do horizonte branco, de neve.

Voltei com as mãos nos bolsos enquanto observava meus passos no chão. Fazia muito frio e por isso andei mais depressa para chegar logo ao hospital.

Foi mais ou menos por aquela época que decidi que um dia contaria tudo a você, Ivan, como o fiz além de um especial pedido - finalidade verdadeira destas cartas - que vem a seguir.

Grande companheiro.

Sei que o chatee com tantos pedaços de cartas que contam uma das mais marcantes experiências que tive como homem e médico, que se revestiu de uma grande importância para mim, talvez pelas circunstâncias da época, uma das fazes mais difíceis de minha vida.

Agora penso se vais de fato ler estas cartas, é que de repente invadiu-me um mau presságio, um medo incerto de que tu não as recebas.

Decidi que as enviaria para ti pois és único que conheço que tens os necessários requisitos para eternizá-las. E além do mais, eras, na última vez que te vi, o líder do nosso velho grêmio literário, e somente tu e tuas peças eram motivo comum de discussão entre os poucos escritores de região.

Conheço bem o teu forte estilo, tua maneira ímpar de concentrar palavras e espaço, mostrando universos. Das poucas peças tuas que li, guardo sobretudo tua preocupação com os homens e suas vidas, o destino.

E quanto tempo faz que não nos vemos... de lá para cá, eu tenho certeza que já escreveste dezenas de outras obras e várias peças foram encenadas. Deves ser famoso em muitos lugares, por muitas regiões de tua Rússia, ou até mesmo fora dela.

Tenho assistido algumas peças de grandes escritores mas nenhuma tinha a preciosidade de um trabalho como os teus trabalhos. Nenhuma, crê. E tu sabes que não costumo exagerar nos elogios.

Mas agora te peço um favor, um pedido de irmão pelo nosso passado e te peço: Escreve esta história para o teatro. Coloca-a num papel com tua mente mágica e ergue num palco uma rua fria e dois meninos músicos que tocam para a vida e por ela.

Escreve a história de Lino e Rubens, transforma-a numa peça divina. A história da vida de um menino que tocava uma harmônica cor-de-rosa, que tinha olhos lindos e que amava o irmão, e tinha medo do escuro.

Exclui a minha pessoa e coloca no lugar, um médico jovem, cheio de muita esperança e alegria. Fala de Madre Joana e de como os meninos tocavam bem, enquanto a neve caía e as pessoas que passavam ficavam petrificadas.

Ivan, tens em tuas mãos um enorme diamante bruto, uma das mais lindas - embora comum - páginas do livro perdido na humanidade.

Somente tu poderás transformar em palavras e ação todo o mundo de beleza que envolvia aqueles pequenos concertos de fins-de-dia ao som do tintilar de moedas num prato.

Mas quando falares de Lino, e tudo ao que a ele se refere, lembra-te de dar o toque divino. Carrega nas músicas, seleciona-as. Não esqueças das

farândolas e das músicas das sargetas do mundo. Para executá-las, escolhe balalaicas que não neguem sentimentos nem vida, muita vida.

Nos cenários, a rua, os corredores do hospital, o crucifixo de madeira na parede, o pavilhão da enfermaria, as camas de ferro e um cemitério no final, se quiseres.

É preciso muita força nos textos. Lembra-te de enfatizar para o público que Lino morreu esperando por Rubens, e que a única saída que nos resta é também esperá-lo. Mesmo que ele não venha, ou chegue tarde demais.

O público precisa receber certo impacto quando for dito que a morte não existe. É preciso dramatizar certas cenas, tu sabes, sem uma boa pincelada dramática não se dá realidade. Porém, um diálogo com o crucifixo, se quiseres, faze-o da maneira mais fria possível.

E antes de qualquer conotação fatalista, deixa bem claro que existem pessoas iguais a Rubens e ao pequeno Lino que passam fome e abandono em todas as partes do mundo, por culpa maior da ambição de poucos.

Mostra Ivan, que este povo daqui é um povo humilhado e condenado a um sofrimento injusto pelos que o governam, na terra e no céu. Mostra também, ao teu público, como de outra maneira eles também são explorados, e que os nossos povos se parecem muito, pois carregam juntos a bandeira da miséria, da indiferença. E vivem em condições sub-humanas, sem sentido de vida, nem de família, e pouco-a-pouco sem vontade. e que apesar de tudo isso, de tanta coisa ruim que os irmana, ainda restam muitos deles que se sentam em caçadas para tocar músicas que falam de sonhos de amor de luzes de esperança. E que dois deles, Ivan, foram duas crianças que deviam estar envoltas de brinquedos e do calor de um lar.

Ivan, é preciso gritar para o mundo que nos olhos de dois meninos abandonados pode ser encontrado um mundo cheio de harmonia. Que é preciso parar e ouvir a música, antes que a distância das ruas e o frio nos ensurdeça.

Lembra-lhes que existe gente nas calçadas e nas sargetas em cujas veias corre um só sangue. Que este vasto mundo é de todos, pois somos todos irmãos e não importam as bandeiras.

Não precisa dizer que a história foi verdadeira, pois assim fazendo ninguém daria muita atenção. Salienta todavia o que senti com a perda do meus músicos preferidos, particularmente do pequeno Lino e seu medo pelo escuro.

E se me perguntas um nome para a peça, encontrei um, quando uma vez, cantarolando as primeiras palavras do “Largo”, música que Lino não sabia tirar da sua pequena harmônica desbotada, impressionei-me até quase as lágrimas, quando as traduzi do italiano: “Jamais houve trevas”.

Jamais houve trevas, pronto, acabou-se o passado. Eis aí uma coisa boa de salientar no texto: o passado como a maior agonia humana. Pois o futuro, o que tem de vir, resume-se num esperar infinito por Rubens.

Ivan, caro amigo, muda o nome dos personagens. É que certas coisas são para mim muito sagradas.

Bobagem! O principal está em tuas mãos. A mais linda história que já aconteceu na avenida principal, nesta simples e pobre cidade deitada preguiçosamente por sobre uma grande cordilheira que só termina onde a vista não mais alcança.

E receberás o agradecimento eterno deste teu amigo, agora mais triste, por não saber nem ao menos tocar quando tem medo do escuro.

Com um abraço afetuoso receba a minha amizade sincera e duradoura. Do seu admirador.

Henrique Martins Rojas.

POSFÁCIO

Numa manhã de vinte e seis de dezembro, o doutor Henrique Martins Rojas foi encontrado morto em seu apartamento.

A necrópsia revelou um longo período de coma alcoólica, seguido de uma parada cardíaca.

A diretoria do hospital encarregou-se de avisar aos seus parentes e entrar em contato com o senhor Ivan Prokopovich, a quem estavam destinadas várias cartas do doutor Henrique. Entretanto, o correio Russo alegou não mais existir o tal grêmio literário, e que, segundo informações de alguns populares, Ivan Prokopovick havia deixado aquela região há muito tempo, e nunca mais voltara.

LUIS MANOEL SIQUEIRA

Escritor e geólogo pernambucano. Possui diversos livros publicados, alguns prêmios literários e a honra de poucos leitores. Sofre com o excesso de passado e tenta conviver com as lembranças que carrega: as boas e as ruins. Mestre em geociências, funcionário público federal concursado, sonha todo dia em se aposentar. Gosta de caminhar pelo mato, de música, de um bom filme, de cozinhar e de silêncio. De escutar um sino tocando, de escutar um belo sermão. Do perfume do incenso no serviço religioso de algumas igrejas e do som de órgãos de tubos. Não aprecia a arte barroca brasileira.

Coleciona canções. Adora crianças, mas não teve filhos.

Um jovem médico faz amizade com dois pequenos artistas de rua. Aos poucos, a realidade se revela aos seus olhos. A tragédia da pobreza e do abandono. Atravéz de cartas a um velho amigo russo, ele vai narrando a estória dos meninos e também a sua. E discorre sobre a força do amor e da amizade, Tendo como fundo uma cidade sulamericana , um conflito existencial e uma melodia para sempre tatuada na memória.

" Um dos raríssimos livros que me arrepiaram durante a leitura...Sua postura elegante e rilkeana de despertar emoção... arrastando um leitor desconfiado e frio como eu, de página em página, como um mágico não retórico. Um grande mágico de circo pobre. "

Alberto da Cunha Melo

